



O dilema de Xi

Análise



Carlos Gaspar

O embaixador da República Popular da China nos Estados Unidos publicou um artigo no *Washington Post* para esclarecer a posição chinesa sobre a invasão russa da Ucrânia, em que afirma que as notícias de que Pequim “tinha conhecimento, deu o seu consentimento ou tacitamente apoiou esta guerra são pura desinformação”.

Com efeito, o Presidente Vladimir Putin reuniu-se em Pequim com o Presidente Xi Jinping, no dia 4 de Fevereiro, na abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno. Os dois presidentes assinaram uma declaração que confirma a proximidade das suas visões sobre a ordem internacional e que qualifica a sua relação como uma parceria estratégica “sem limites”; na mesma altura, foi assinado um novo contrato de fornecimento de gás à China, que anunciou a sua decisão de comprar trigo à Rússia.

No dia 24 de Fevereiro, depois do fim dos Jogos Olímpicos de Pequim, a Rússia invadiu a Ucrânia e houve quem se interrogasse sobre se Putin teria informado previamente Xi dos seus planos. Há um precedente: em 1979, durante a sua visita a Washington, Deng Xiaoping selou a nova quase-aliança sino-americana quando informou o Presidente Carter sobre a sua decisão de atacar o Vietname, dias antes de o Exército Popular de Libertação atacar o seu antigo aliado. No contexto da nova quase-aliança sino-russa, seria provável que Putin partilhasse a sua decisão com Xi e, se não o fizesse, corria o risco de pôr em causa a parceria estratégica “sem limites”. O desmentido do embaixador chinês deixa Xi numa posição delicada: se Putin nada disse ao seu homólogo quando teve a oportunidade de o fazer pessoalmente, há uma quebra de confiança entre os dois principais responsáveis pelo *rapprochement* entre a Rússia e a China.

Não é possível saber mais nada neste momento. Porém, o texto do embaixador Qin Gang manifesta uma clara vontade chinesa de se demarcar da aventura russa. A viragem é evidente na confusão que

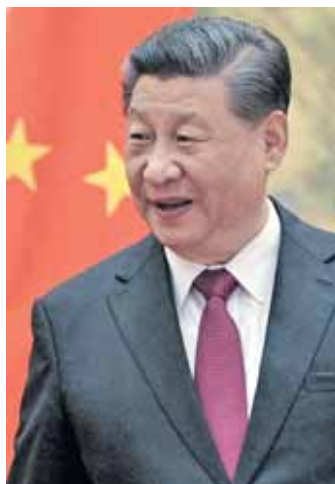
prevalece nas sucessivas tomadas de posição das autoridades chinesas sobre a guerra da Ucrânia. Por um lado, a China quer reafirmar os princípios da soberania e da integridade territorial de todos os Estados, incluindo a Ucrânia, e quer apoiar os esforços diplomáticos para cessar as hostilidades entre Moscovo e Kiev e, por outro lado, quer reiterar a solidez da parceria sino-russa e quer defender os interesses legítimos de segurança da Rússia.

A China não quer fazer nada que possa prejudicar a quase-aliança com a Rússia, mas não quer estar do lado errado numa guerra que está a correr mal para o seu principal parceiro estratégico. A China quer tirar partido da intervenção russa que desvia os Estados Unidos da frente asiática, mas não quer ser ostracizada por cumplicidade com a Rússia.

Há uma competição entre a China e a Rússia para decidir qual é a potência dirigente do bloco revisionista que quer acelerar a decadência dos Estados Unidos e mudar a ordem internacional. Desde logo, os Estados Unidos



Se Putin nada disse ao seu homólogo quando teve a oportunidade de o fazer pessoalmente, há uma quebra de confiança



reconhecem a China como a única potência que pode pôr em causa a sua preponderância internacional e consideram a Rússia uma potência em declínio. Por outro lado, a China precisa da Rússia como uma retaguarda continental segura para se concentrar na luta pelo poder com os Estados Unidos. Por último, a Rússia tem demonstrado, na Crimeia ou na Síria, uma capacidade de intervenção estratégica que a China e os Estados Unidos ou não têm ou não querem ter, e essa qualidade, a par do estatuto de paridade nuclear russo-americano, é uma vantagem significativa na competição entre os parceiros revisionistas.

A invasão da Ucrânia, que só é possível porque a prioridade estratégica dos Estados Unidos é conter a China, devia confirmar essa vantagem de Moscovo, bem como a impotência de Washington, fixado no Indo-Pacífico. Porém, a guerra é imprevisível e a tentativa falhada de decapitar e destruir o Estado ucraniano tornou-se uma aventura perigosa.

O isolamento da Rússia deixa o caminho aberto para a China a substituir na vanguarda revisionista: a China de Xi precisava mais da Rússia de Putin do que o contrário, mas as posições dos dois parceiros inverteram-se depois da invasão da Ucrânia. Nesse sentido, a relação histórica entre as duas potências continentais mudou e a China passou a ser o “irmão mais velho” da Rússia na aliança dos rivais. Mas Pequim pode perder os ganhos na balança sino-russa em danos reputacionais e, sobretudo, a sua estratégia em relação a Taiwan fica prejudicada pela ofensiva russa: depois de Putin ter posto em prática as suas ameaças contra a Ucrânia, ninguém duvida de que Xi possa ser obrigado a fazer o mesmo para conquistar Taiwan. As ameaças das autocracias voltaram a ser tomadas à letra.

O embaixador Qin cita um provérbio chinês que diz que é preciso mais do que um dia de frio para gelar três pés de neve. O dilema de Xi, nas vésperas do XX Congresso do Partido Comunista da China, está resumido noutro provérbio chinês: quem pôs a coleira ao tigre é quem a deve tirar.

Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-UNL)